



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

15659 - Resumo Expandido - Trabalho - 16ª Reunião Científica Regional da ANPEd - Sudeste (2024)

ISSN: 2595-7945

GT 17 - Filosofia da Educação

PAULO FREIRE E OS ALGORITMOS: A SUPERAÇÃO DA EDUCAÇÃO BANCÁRIA NA CULTURA DIGITAL

Antonio Alvaro Soares Zuin - UFSCar - Universidade Federal de São Carlos

Roseli Rodrigues de Mello - UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS

Agência e/ou Instituição Financiadora: CNPq

PAULO FREIRE E OS ALGORITMOS: A SUPERAÇÃO DA EDUCAÇÃO BANCÁRIA NA CULTURA DIGITAL

INTRODUÇÃO:

Os autores deste trabalho têm como objetivo argumentar que a revitalização da forma como Paulo Freire concebeu a relação entre educação e tecnologia revela-se fundamental para que se possa compreender tanto a atualidade do conceito de educação bancária, quanto o modo como as relações digitalmente mediadas entre professores e alunos poderiam ser mutuamente ressignificadas. Por meio dessa ressignificação, tornar-se possível promover uma comunicação dialógica presente tanto no elo pedagógico, quanto na transformação das informações em conceitos que são ética e substancialmente vivenciados pelos agentes educacionais.

MÉTODO UTILIZADO:

O estudo foi desenvolvido a partir da busca de conceitos centrais sobre educação bancária, educação dialógica e tecnologia nos escritos de Paulo Freire. Assim, destacamos compreensões e excertos que se apresentaram como fundamentais para esse trabalho. Posteriormente, para a discussão dos dados, relacionamos os conceitos freireanos a outros que se mostraram também importantes para as reflexões direcionadas ao ensino e à aprendizagem na cultura digital. Articuladas as duas literaturas, as obras de Paulo Freire e os textos sobre

cultural digital, produzimos então as conclusões.

DISCUSSÃO DA PESQUISA

Ao comentar a relevância da tecnologia para o engendramento de uma sociedade mais justa e igualitária, Paulo Freire asseverou que a formação técnico-científica não pode ser “antagônica à formação humanista dos homens” (Freire, 1978, p.186). Justamente essa consideração crítica de Paulo Freire sobre o desenvolvimento tecnológico suscita a possibilidade de que seus conceitos sejam revigorados na sociedade da denominada cultura digital. Um desses conceitos é a chamada educação bancária, assim definhada por Freire:

Em lugar de comunicar-se, o educador faz “comunicados” e depósitos que os educandos, meras incidências, recebem pacientemente, memorizam e repetem. Eis a concepção “bancária” da educação, em que a única margem de ação que se oferece aos educandos é a de receberem os depósitos, guardá-los e arquivá-los. Margem para serem colecionadores ou fixadores das coisas que arquivam (...) Educadores e educandos se arquivam na medida em que, nesta destorcida visão de educação, não há criatividade, não há transformação, não há saber. Só existe saber na invenção, na reinvenção, na busca inquieta, impaciente, permanente, que os homens fazem no mundo, com o mundo e com os outros. Busca esperançosa também (FREIRE, 1978, p. 66).

É interessante observar o modo como Freire faz uso da palavra arquivo: a metáfora da identificação dos educandos como arquivos desvela a sua condição de um lugar fixo, cuja imobilidade compactua com a atitude passiva do aluno (a) que se torna incapaz de ser criativo e, portanto, de agir sobre o objeto estudado de modo a criticamente ressignificá-lo. Os educandos, caracterizados como meras incidências, recebem os conteúdos, os memorizam e os repetem para seus educadores. No final da década de 1960, data de publicação da obra seminal de Freire: “Pedagogia do oprimido”, fazia sentido conceber a palavra: arquivo como um tipo de lugar onde as informações eram depositadas, de tal maneira que quem detinha a sua posse também tinha condições de controlar a produção e disseminação do conhecimento socialmente produzido. Porém, o desenvolvimento das forças produtivas tecnológicas contemporâneas faz com que uma nova ontologia se torne hegemônica quanto ao modo como os seres humanos produzem suas existências: na sociedade da cultura digital, ser significa *ser percebido e se perceber como fluxo de arquivos digitalmente elaborados*. Isso ocorre na medida em que o ato de digitalmente se arquivar se torna uma espécie de impulso cultural que tem como propriedade principal possibilitar o reconhecimento dos outros e se si próprio como interventores, na medida em que as informações são compartilhadas, sobretudo por meio das redes sociais, em quaisquer espaços e tempos.

Conseqüentemente, as “transformações no arquivo digital, entre fluxos e classificação, nos direciona ao coração das questões sobre a constituição, a formação e o armazenamento do conhecimento na era atual” (Featherstone, 2006, p.591). Diante desse admirável mundo novo, não se pode ter a consciência ingênua de que os fluxos contínuos e simultâneos de

informações digitalmente coletadas, armazenadas, filtradas, classificadas e interpretadas geram estruturas de participação arquivadas que sejam exclusivamente afeitas ao fomento de relações democráticas e igualitárias entre as pessoas dentro e fora da ambiência virtual. Na verdade, cada vez mais predomina a chamada economia da atenção no capitalismo de vigilância (Zuboff, 2019), de tal modo que todos os cliques feitos nos computadores são metrificados, com vistas a direcionar propagandas e estimular desejos de consumo que nem mesmo ainda existem.

Mas, se faz sentido a constatação freireana de que a tecnologia não pode ser nem endeusada e nem demonizada, justamente porque se trata de um processo social, essa mesma tecnologia digital pode ser utilizada para fazer com que o preconceito delirante e as práticas de barbárie sejam identificados e combatidos. Para tanto, o poder algorítmico de correlacionar quaisquer tipos de dados em quaisquer tempos e espaços não pode bastar-se em si e por si, como se as correlações fossem totalmente autossuficientes frente aos objetivos alcançados.

Na realidade, tais correlações de informações podem ser utilizadas para que as *causas* dos fenômenos e objetos em pauta sejam conhecidas, e também balizar a postura ético-moral que pode decorrer das relações feitas entre as razões pelas quais historicamente algo aconteceu, de tal forma que a reflexão consequente do tempo presente possa delinear o surgimento de novos futuros. É por isso que “não podemos nos assumir como sujeitos da procura, da decisão, da ruptura, da opção, com sujeitos históricos, transformadores, a não ser assumindo-nos como sujeitos éticos”. (Freire, 1996, p. 17). Desta forma, utilizar a tecnologia digital algorítmica para que as correlações feitas entre as informações remetam ao conhecimento das causas dos fenômenos investigados pode suscitar o reconhecimento dos vínculos entre as dimensões cognitivas, afetivas e ético-morais. É dessa maneira que a *mecanicidade da memória digital* pode favorecer o engendramento de práticas de resistência em relação à *mecanicidade mnemônica* da educação bancária na sociedade hodierna.

RESULTADOS

Atualmente, a educação bancária não se limita às relações instituídas entre professores e estudantes nos ambientes escolares, mas sim se espalha como o espírito objetivo de um tempo, impregnando tanto a forma (fragmentada) como o conteúdo (impositivo) das informações e de seus modos de circulação. Contudo, a comunicação dialógica proposta por Freire se apresenta como contraponto à propagação das *fake news* em todas as relações sociais, inclusive na relação estabelecida entre professores e alunos. A tecnologia digital, como um processo social que é, pode ser utilizada para concretizar o inédito viável (Freire, 1992) de uma sociedade na qual predomine um clima compatível à atuação de indivíduos propensos a lutar e sonhar por uma práxis cultural libertadora.

PALAVRAS-CHAVE: Paulo Freire, Cultura Digital, Algoritmos, Educação Bancária

REFERÊNCIAS

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. São Paulo: Paz e Terra, 1978.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Esperança*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

FEATHERSTONE, Mike. Archive. *Theory, Culture & Society*, 23 (2-3), p.591-596, 2006. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/0263276406023002106>

ZUBOFF, Shoshana. *The age of surveillance capitalism: the fight for a human future at the new frontier of power*. London: Profile Books, 2019.